

A PALAVRA LATINA



“Uma campanha contra a imprensa suja, contra o pensamento único e pelo respeito e apoio às lutas populares legítimas em todas as suas formas: dos trabalhadores sem-terra, aos movimentos guerrilheiros, indígenas e de massas, e em defesa da revolução socialista”

A Palavra Latina é o órgão de comunicação impresso fruto da parceria entre a Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo e a Sociedade Latina de Imprensa

01º Ano - número 01 - São Paulo # Abril de 2004 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



FARC 40 anos, MST e Zapatistas 20 anos: três expressões de luta

Páginas 4 a 7

Morre o pensador palestino Edward Said

“O medo induzido pelas imagens desproporcionais do terrorismo e do fundamentalismo faz com que se acelere a subordinação do indivíduo às normas dominantes no momento”

Pag. 8



Acampamento do MST em Canindê do São Francisco onde a escola é improvisada.



Guerrilheira das FARC com fuzil e bicho de pelúcia.

Portugal: novo livro de
Lincoln Secco relembra a
Revolução dos Cravos

Pag. 3

Cesar Cordaro: a Capitulação
do Partido dos Trabalhadores

Pag. 3

Governo Lula e Nós: é hora de
sair às ruas e tensionar.

Pag. 5

A Questão Agrária e as Perife-
rias Urbanas

Pag. 7

Sociedade Latina de Imprensa e ACEPUSP: uma parceria contra a imprensa suja

A *Sociedade Latina de Imprensa (SLI)* nasceu da idéia de um grupo de jovens militantes latino-americanos, que se uniram em torno do objetivo de conhecer um pouco mais das peculiaridades dos países vizinhos, tão próximos e tão ignorados. É um projeto político-cultural de comunicação e reflexão cujo intuito é o desenvolvimento e a integração dos povos latinos através da difusão do seu pensamento, cultura e história. Aglutina escritores, cientistas humanos, jornalistas e artistas, de vários países, mas em especial da nossa América, em torno do ideal de defesa da liberdade e da diversidade dos povos.

A *Palavra Latina* é um projeto de jornalismo crítico na conta-mão do pensamento único vigente tão largamente difundido pela imprensa tradicional. O jornal foi viabilizado através da parceria entre a *Sociedade Latina* e a *Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo (ACEPUSP)*, entidade política não-governamental criada e gerida por alunos e ex-alunos desta mesma universidade, e cuja ação se desenvolve em prol da socialização do conhecimento e da cultura pelas classes populares, através de cursos, seminários, debates, manifestações artísticas e comunicação social.

Em Poucas Palavras

Aos predadores da utopia:
dentro de mim
morreram muitos tigres
os que ficaram
no entanto
são livres
(Lan Siqueira, poeta)

A vida te dará poucos presentes. Se você
quer vida, há que roubá-la.
(Antônio Abujamra, entrevistador)

Espero minhas cartas sequestradas
As letras de ontem
Que nunca escrevi
(Sergio de Lima - poeta uruguaio)

A verdade uma vez desperta, não volta a
dormir.
(José Martí - poeta e libertador cubano)

Quanto mal-me-quer há numa única flor
(Anônimo mural do centro de São Paulo)

A única felicidade conhecida pela maior parte
dos homens é a de ser considerado feliz
(Rousseau - filósofo francês)

A solidão fortalece o espírito e amacia o
coração.
(Bernardino Ponte Preta, poeta)

Sem música, eu não sei cantá-lo
(João Cruz Costa, professor da Filosofia-
USP, respondendo ordem dos militares em in-
quirição durante a ditadura)

Um dia de chuva é tão belo quanto um dia de
sol, ambos existem, cada um como é.
(Alberto Caieira/heterônimo de Fernando
Pessoa - poeta português)

Imprensa Suja

Utilização da Pequena
Desonestidade

por Frederico Nietzsche

O poder da imprensa consiste em que
todo indivíduo que para ela trabalha sen-
te-se muito pouco comprometido e vin-
culado. Em geral ele diz sua opinião, mas
ocasionalmente não a diz, para ser útil a
seu partido, à política de seu país ou a si
mesmo. Esses pequenos delitos da
desonestidade, ou apenas da reticência
desonesta, não são difíceis de suportar
para o indivíduo, mas as suas consequên-
cias são extraordinárias, porque tais
pequenos delitos são cometidos por mu-
itos ao mesmo tempo. Cada um deles diz
para si: "Com serviços tão diminutos vivo
melhor, posso ganhar a vida; se recuso
estas pequenas razões, eu me torno im-
possível". Como moralmente parece não
importar escrever ou deixar de escrever
uma linha a mais - talvez sem assinar, além
disso - alguém que possua dinheiro e in-
fluência pode transformar qualquer opi-
nião em opinião pública. Quem sabe que
a maioria das pessoas é fraca nas peque-
nas coisas, e deseja alcançar seus objeti-
vos através delas, é sempre um indivíduo
perigoso".

(Frederico Nietzsche é filósofo, es-
critor e correspondente do além-mar d'A
Palavra Latina)

Engajamento

Antes de nos rendermos, fomos eternos

Xico da Silva



Havana: estátua em comemoração à Revolução Cubana (Fidel e Cienfuegos à frente)

Editorial

Nossa América Latina

A grande e forte América Latina con-
tinua sem voz e cada vez mais explora-
da pelo capitalismo central. A desunião
entre estes países irmãos e de culturas
tão semelhantes é uma das causas que
concorrem para a manutenção desta si-
tuação de miséria. O caso do Brasil é o
mais clássico: tem seus valores totalmen-
te voltados à cultura européia e es-
tadunidense, tendo dado as costas à
América Espanhola. Da mesma manei-
ra, seja na Argentina ou no México, o
brasileiro é um povo conhecido apenas
pelas telenovelas, carnaval e futebol. E
contudo, somos tão parecidos a nossos
ignorados vizinhos hispânicos. Como eles,
em meio à miséria, ainda não desaper-
çamos do valor de lutar e o prazer de
sorridir.

A cultura latino-americana bebeu do
pensamento racionalista europeu, sem se
deixar afastar da sensualidade indígena,
natural àqueles povos que, mais propen-
sos às intempéries da natureza, apre-
nderam a enfrentar o inesperado. Uniram
a técnica, à alegria de viver. Uniram a
razão ao coração, conjugaram a inteli-
gência com a sabedoria. Num movimen-
to singular, o povo latino-americano per-
seguiu este caminho do meio, desde o
início dos massacres europeus, até as his-
tórias revoltas recentes - Argentina,
Bolívia, Haiti. Por tudo isto talvez, hoje
são vistos pelo mundo como uma van-
guarda revolucionária, não apenas polí-
tica, mas em vários campos do saber.
Tiveram acesso aos meios de luta, mas
também tiveram a necessidade de lutar.
E nesta peleja nunca houve trégua. E
nem poderia, estando o inimigo na ofen-

siva. Como disse Simon Bolívar: "Os
Estados Unidos parecem destinados a
tornar a América um continente miserá-
vel". E talvez toda a Terra...

A grande imprensa suja, a serviço do
imperialismo central e dos privilégios lo-
cais, em todo o mundo oculta os fatos de
valor, tentando nos fazer esquecer o que
merece estar na memória. Assim, A
Palavra Latina tem o intuito de pôr às
claras os valores de nosso povo latino,
nossa literatura, nossa música, nossas
imagens, nossas propostas políticas, sen-
do ao mesmo tempo uma maneira de nós
mesmos conhecermos e reconhecemos
nossa própria cultura - de nos reconhe-
cermos em nossas filosofias e em nos-
sas artes.

Estão também incluídos na pauta de
discussão do grupo todos aqueles temas
que tenham relevância para a defesa da
vida, como a defesa do ecossistema e
da diversidade de manifestações cultu-
rais. Neste contexto, nos norteia a defe-
sa das organizações populares de resis-
tência e luta, em especial, mas não so-
mente, as latino-americanas, tais quais o
MST, as FARC, o EZLN, a Via
Campesina, o Movimento Bolivariano na
Venezuela e a própria Revolução Socia-
lista Cubana. Particularmente, no caso
atual do Brasil, há o fenômeno de um
novo partido socialista sendo criado a
partir do desfalecimento ético das supos-
tas esquerdas recém-eleitas. Este movi-
mento nacional histórico é também de
grande valia para a avaliação de nossas
possibilidades de ação dentro da política
institucional.

O Brasil infelizmente sempre manteve dis-
tância de seus irmãos latino-americanos, vol-
tando-se de modo esnobe para o modelo eu-
ropeu e norte-americano. Contudo, a situa-
ção chega ao limite do insustentável na peri-
feria do mundo. Os acontecimentos vizinhos
têm que ser vistos com mais atenção. Talvez
não sejam assim tão distintos os fatos. Os
recentes levantes na Argentina, Bolívia e
Haiti, bem como as décadas de luta do Mo-
vimento dos Sem-Terra, do Exército Zapatista
de Libertação Nacional e das Forças Arma-
das Revolucionárias Colombianas, têm uma
só razão de ser: a desigualdade social absur-
da e crescente. Nos nossos países do
submundo, sequer a óbvia Reforma Agrária
foi feita. A distribuição de terras por aqui
chega a remontar a estrutura feudal. Nosso
presidente-trabalhador tem aí um dever his-
tórico a cumprir. Sua lentidão já está sendo
trágica, como vemos nos conflitos generali-
zados envolvendo índios, garimpeiros, sem-
teito, presos rebelados, favelados do Rio de
Janeiro: êxodo rural e caos urbano.

E se reformar é preciso, cabe não esque-
cer que as revoluções, ainda que imperfeitas
- posto que a verdade não existe em essên-
cia, mas se constrói na prática - nunca resul-
taram de invenções teóricas, mas sim de ne-
cessidades humanas urgentes. Todo homem
é mais culpado do bem que não fez, que do
mal, fruto de uma vida imprópria.

Toda insurgência contra uma tirania é jus-
ta. É preciso se identificar com clareza o in-
imigo, para que não recaiamos no
esquerdismo infantil e cheio de vaidade, que
para massagear egos puristas divide as es-
querdas e fortalece a ordem. Qualquer mé-
todo de defesa da liberdade é justo. O pior tipo
de terrorismo é aquele exercido pelos Esta-
dos imperiais, pois tendo o domínio do po-
der, têm a culpa maior de não modificar as
estruturas podres vigentes. Toda guerra traz
terror e desgraça, especialmente a guerra fria
que se esconde no contraste de cada favela
e cada mansão, e que nos furta a alegria na
calada da noite com sua agressão cínica e
sutil. Enquanto se mantiverem as injustiças
brutais e restar alguma virtude entre os ho-
mens, não haverá paz na Terra... para nin-
guém.

A PALAVRA LATINA

Editor Geral: Yuri M. Fontes.
Editor de Imagens: Ivan Leichsenring.
Conselho Editorial: Cesar Cordaro,
Lincoln Secco, Waldo Loo, Paulo
Henrique Tavares, Igor Fontes, Alexandre
Ribeiro, Cassiano Reinert Novais, Allan
Santos da Rosa e Emerson Negão.

Fotografia: Marcelo Min, Xico da Silva,
Vidal Cavalcanti, Yuri M. Fontes, Lucas
Bocage
Diagramação e Arte: José Mário Cândido

Correspondência:
yurimartinsfontes@yahoo.com.br
Tel.: 3091-2343

As matérias assinadas são de
responsabilidade de seus autores.

Tiragem desta edição: 6.000 exemplares

Portugal: Revolução dos Cravos

Abril Vermelho em Lisboa

por Lincoln Secco

Charles Péguy costumava dizer que tudo começa com a mística e termina na política. Há 30 anos os capitães de abril acordaram uma Lisboa desacomodada à liberdade. De repente, lá estavam as massas prontas a apoiar um golpe militar que derrubaria 48 anos de fascismo em Portugal. Desobedecendo aos comunicados do Movimento das Forças Armadas (MFA), para que ficasse em casa, o povo de Lisboa foi às ruas e modificou, com sua presença, o caráter do levante militar. Ele se tornou uma revolução.

A Revolução foi *sui generis* por três motivos. Feita pelo exército, dirigiu o país à esquerda. Sendo generosa, ela respeitou o vencido (para usar a expressão de Sophia de Mello Breyner Andresen). Sem governos eleitos, ainda assim ela fez livre um país inteiro.

O MFA, porém, não levou nenhum daqueles elementos até o fim e até o fundo. A igualdade marchou junto com os cravos. A Liberdade se conteve na democracia representativa. E a fraternidade não foi a mesma com os vencidos do 25 de novembro de 1975 (quando os oficiais de extrema esquerda foram excluídos do processo revolucionário e vários conheceram a prisão).

Os capitães precisavam afrontar problemas de diferentes idades

históricas. Imediatamente tiveram que criar uma nova ordem social. Diante de um impetuoso soerguimento da sociedade civil (ocupações de fábricas, moradias, escolas, creches), o novo governo tinha que, a um só tempo, neutralizar os agentes do Antigo Regime e conter os do novo.

O problema conjuntural era a Guerra Colonial na África. Os militares queriam a descolonização e o fim do conflito. O General Spínola, que era o novo presidente da República, mas não pertencia ao Movimento, tentava travar as ações do Governo Provisório, chefiado pelo Coronel Vasco Gonçalves. Preferia o velho General colonialista, uma espécie de *commonwealth* lusófona.

O problema estrutural, todavia, é o que mais angustia o historiador.

Ele não se encontra na memória dos agentes daquela grande história, senão de forma acidental. Nos últimos dois séculos, quando Portugal perdeu o Brasil e tentou recriá-lo no continente negro, as elites portuguesas hesitaram entre a "volta" à Europa e a "missão imperial". Os capitães de abril não podiam ter a plena consciência desse dilema. E nem podiam escolher uma outra saída. Ela teria que ser atlântica, sim! Mas sem império ou imperialismo. Socialista, também! Mas com pluralismo e liberdade.

Eles tentaram. Poderiam mais? Pluralismo socialista e solidariedade atlântica foram sua mística. Ela terminou, porém, na política europeia.

(Lincoln Secco é professor do Depto. de História da USP e autor de "A Revolução dos Cravos" - Ed. Alameda)

O GOVERNO LULA E A CAPITULAÇÃO DO PT

por Cesar Antonio Alves Cordaro

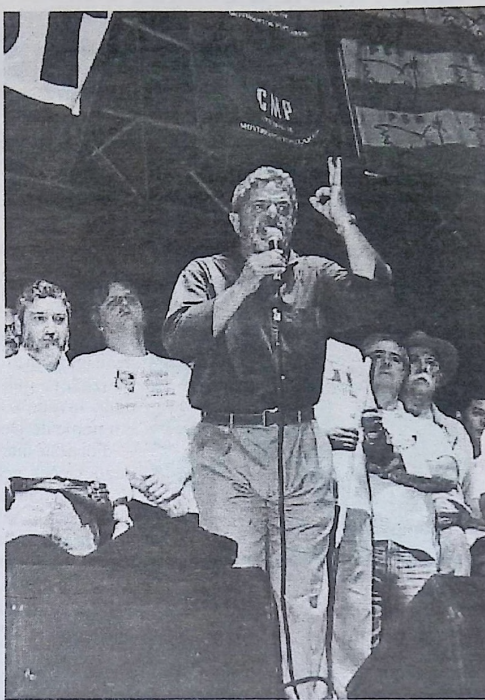
Contra o poder coletivo das classes proprietárias, a classe operária não pode agir como classe, exceto constituindo-se em um partido político, que seja distinto dos velhos partidos formados pelas classes proprietárias e a eles se oponha (Resolução redigida por Marx e Engels, aprovada no Congresso de Haia, da I Internacional, em 1872).

Nas últimas eleições, a expressiva votação que elegeu Lula foi motivada pelo desejo de mudanças efetivas. Essas mudanças estavam configuradas nas diversas lutas das quais, no período imediatamente anterior, o próprio PT fora o grande protagonista: (a) alteração radical da política econômica, com a construção de

um projeto de desenvolvimento que retire o país da dependência econômica; (b) Reforma Agrária, implementada com o objetivo de fixação do homem no campo e a construção de um projeto de desenvolvimento sustentado do pequeno agricultor, com vistas a produção para o mercado interno; (c) desenvolvimento de programas sociais, voltados à garantia da habitação, do acesso à saúde e à educação; (d) democratização dos mecanismos de decisão política. Mudanças, enfim, que contemplassem a expectativa dos sem-terra, dos sem-teto, dos sem-saúde e dos "sem-educação", que compõem a grande maioria dos mais de 52 milhões de eleitores de Luiz Inácio Lula da Silva.

Mas, no meio desse cenário extremamente favorável à instauração de um novo patamar na história do Brasil, o PT inicia um processo gradativo de capitulação, que vai resultar no abandono de seu programa e na submissão total aos interesses do grande capital.

Depositário dessas grandes expectativas de mudança, o PT — que já trilhava um longo percurso de distanciamento gradativo da suas origens, apartando-se do movimento social e priorizando a intervenção institucional — faz alianças com setores conservadores, da burguesia in-



Lula: promessas de 2000 ficaram só no palanque

dustrial, sem definir, claramente, o inimigo a ser combatido: o capital financeiro.

Ao assumir o governo, entrega a direção da política econômica a pessoas ligadas ao governo anterior e estreitamente comprometidas com o modelo neoliberal e com o adversário a ser combatido: o capital financeiro (Henrique Meireles, Joaquim Levy e Marcos Lisboa). Na sequência, encaminha e faz aprovar um projeto de Reforma da Previdência totalmente contrário aos interesses do povo, passando a assumir uma posição que colide com aquelas que adotara ao longo de sua trajetória de lutas. Protagoniza a Reforma Tributária, que tem como eixo uma perspectiva meramente fiscalista, sem enfrentar os efetivos problemas de distribuição de renda e de desigualdades regionais. Propõe-se, ainda, a levar a cabo a Reforma Trabalhista, "modernizando" as relações de trabalho de modo a retirar direitos e garantias dos trabalhadores, facilitando sua exploração pelo capital. Alia-se, no parlamento, ao que existe de mais retrógrado no cenário político (Sarney & Cia.) e expulsa parlamentares (Heloísa Helena, Luciana Genro, Babá e João Fontes) que corajosamente denunciavam a traição ao programa do partido.

Ao anseio por mudanças, o PT res-

ponde com a submissão aos interesses do capital especulativo e de seu representante, o FMI. Inicia o segundo ano de governo, com uma brutal taxa de desemprego, provocada por uma absurda política recessiva, orientada para pagar os credores internacionais (o capital especulativo), sem uma luz no final do túnel, aprofundando a submissão do governo aos interesses do grande capital.

O quadro acima exposto demonstra uma grave capitulação do governo que leva de roldão a própria agremiação partidária, fragilizada pela cooptação de seus dirigentes pela máquina governamental, retirando a autonomia que o partido deve ter, de modo a evitar o reboqueismo nessa aliança, onde somente os interesses dos poderosos são atendidos.

Essa capitulação é marcada, também, pelo abandono de compromissos históricos, em favor da administração da máquina estatal na perspectiva dos interesses do capital financeiros, voltada exclusivamente para atender esses interesses, à custa dos compromissos populares em cima dos quais se elegeu.

O resultado dessa tragédia é que o povo brasileiro perdeu o partido que representava, ainda que de forma tímida, o marco da luta anti-capitalista e constituía-se no seu mais elaborado instrumento de luta até então.

Esse vazio precisa e deve ser preenchido por um amplo partido de massas, socialista e democrático, que elabore a compreensão teórica mais clara das condições, da marcha e dos resultados finais do movimento popular anti-capitalista, tornando-se um movimento autoconsciente e independente da imensa maioria no interesse da imensa maioria (Cf. Marx e Engels, Manifesto Comunista).

A construção desse partido é uma tarefa, árdua e difícil, que se dá numa conjuntura amplamente desfavorável, mas é uma caminhada necessária cujos passos iniciais foram dados pela iniciativa dos parlamentares expulsos e que vem se ampliando, gradativamente, entre os militantes que reconhecem que o PT perdeu as condições necessárias de condutor das mudanças que o progresso social exige.

Afinal, como afirmado na citação que encabeça este texto, somente através de um partido, independente e sem compromissos com as classes proprietárias (leia-se, capital especulativo, setores da oligarquia etc.), é que os trabalhadores e os excluídos de toda ordem poderão enfrentar aqueles que se opõem ao progresso da sociedade.

(Cesar Cordaro é Conselheiro da OAB e Procurador do Município de São Paulo)

FARC completa 40 anos em meio a intervenção e bombardeios dos EUA

Situação de medo se agrava com Plano Colômbia: correspondente visita acampamento guerrilheiro e entrevista o comandante guerrilheiro Raúl Reyes.

Texto, entrevista e fotos de Yuri Martins Fontes

A povo colombiano vive um conflito armado civil há mais de meio século. Com a intervenção estadunidense – dita *Plano Colômbia* – as possibilidades de paz se tornam a cada dia mais distantes. O atual governo, aliado do Império do Norte, busca no confronto sangrento a solução para exterminar os grupos revolucionários, sem atentar à triste realidade social do país. Cartazes espalhados por rebeldes explicitam o terror vivido: “*Plan Colombia, los gringos ponen las armas, Colombia pone los muertos*”.

A guerra civil colombiana remonta 1948, ano em que nacionalistas liberais e pequenos grupos socialistas começam luta armada contra os conservadores, aliados de multinacionais que se instalavam por lá. Esta história pode ser conhecida na grande obra de García Márquez “*Cem Anos de Solidão*”. Contudo, a partir de 1964, tendo conseguido algumas de suas reivindicações, os liberais tentaram frear o avanço das conquistas políticas, passando ao lado conservador, num momento em que as guerrilhas comunistas ganhavam força. Neste contexto surgem as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), entre outros grupos revolucionários menores, como o Exército de Libertação Nacional (ELN) e o Exército Popular de Libertação (EPL).

No sentido de combater as organizações revoltosas, são criados então os grupos paramilitares de extrema direita, que de um modo geral buscam defender os privilégios de multinacionais, narcotraficantes e latifundiários. O interior da Colômbia é hoje uma terra sem lei, onde domina o medo e o mistério. Frequentemente, os chamados “paracos”, efetuam emboscadas e genocídios em estradas e povoados rurais.

Apesar da violência destes grupos de extrema direita, ao fim de 2003, o presidente Uribe fechou um acordo bastante suspeito, de rendição e anistia, com o maior grupo paramilitar do país, as Autodefesas Unidas da Colômbia. Segundo informações que se ouve da boca do povo, em diversas regiões do país, os paramilitares deste grupo são os próprios soldados do exército disfarçados por apenas um broche com a insígnia da AUC. Não se dão ao trabalho de trocar nem o uniforme. Desta forma, o governo fica mais à vontade para executar tarefas pouco populares – como a destruição de povoados inteiros e assassínatos de supostos “amigos” dos guerrilheiros.



Guerrilheiro em guarda no Sul da Colômbia

lheiros. O recente acordo de anistia total parece referendar, não apenas esta estranha ligação, mas também as acusações que ligam Uribe diretamente ao comando deste grupo fascista. Ao que parece, com o forte apoio gringo e a propaganda massiva – que põe as FARC no dito “eixo do mal” perante à simplória opinião pública – as táticas de guerra puderam ficar mais abertas e agressivas.

Além das dificuldades impostas pelo terror destes grupos mercenários, aquele que se aventure a conhecer o problema colombiano de perto, há também o problema dos bandoleiros, quadrilhas armadas que se aproveitam do conflito para efetuar assaltos nas ermas rodovias do país. Isto tudo dificulta o deslocamento, a estadia e a consequente obtenção de notícias acerca da realidade atual da Colômbia.

Ainda que possamos conhecer algo do evento colombiano através dos jornais, em geral as informações que nos chegam são superficiais. Ideologicamente comprometida com o capital, a grande imprensa não tem interesse de tratar dos motivos que levam um povo à insurgência. Assim, da mesma forma que se passa com os grandes grupos revoltosos, como o MST, ou o EZLN, os noticiários sobre a guerra civil colombiana costumam ser parciais e muito carentes de densidade. Isto, quando não são deturpados conforme interesses dos po-

derosos.

Após o ataque das Torres Gêmeas, o mundo foi ainda mais polarizado. De um lado o belicoso império estadunidense, de outro o chamado “eixo do mal”. Qualquer contestação ao regime fundamentalista neoliberal passou então a ser vista como afronta. Classificando a subversão de terrorismo, ficou mais fácil vender a imagem do “bom colonizador” que bombardeia, invade e assassina em nome de Deus.

Foi neste ínterim que as negociações pela paz na Colômbia foram interrompidas e subiu ao poder um representante dos grandes donos de terra, Álvaro Uribe, disposto à guerra total. Os EUA, desde a época do ex-presidente liberal Andres Pastrana, já haviam posto em prática o *Plano Colômbia*, em nome da suposta erradicação do plantio de coca. Na prática, o plano consiste em uma intervenção militar ostensiva, com fins políticos e territoriais, em pleno coração da Amazônia sul-americana. O governo oficial é apoiado com armas, dinheiro, helicópteros, treinamento e até mesmo com o despejo de armas químicas nas selvas do país, onde em alguma parte se ocultam os guerrilheiros. Na internet já podem ser vistas fotos de camponeses deformados atingidos pelos venenos químicos das fumigações. Estes rios contaminados nascem nos Andes e vêm desaguar no território brasileiro, no Rio Amazonas. Deste modo, que uma catástrofe ecológica já pode ser prevista em curto prazo, caso as autoridades brasileiras não se mobilizem.

Em plena era da informação – ou *desinformação* – as FARC permanecem sendo uma incógnita. Assim que, com o intuito de esclarecer dúvidas que sempre permearam muitas discussões políticas entre grupos dos quais participei, resolvi aventurar-me pelo vizinho país, de modo a conhecer e divulgar um pouco mais sobre a luta mais antiga que ainda sangra a *Nossa América*. Nossa América Latina de bravos, de resistências e de belezas, apesar de tão longa



Hora do banho no acampamento

exploração e de tanto cansaço.

Alum tempo de convivência no acampamento guerrilheiro me fez constatar que, longe de serem terroristas, são gente terna e idealista, mesmo os mais simples. São inclusive mais humanos do que muitos dos engratados que caminham por entre nós na fria Avenida Paulista. Grande parte dos guerrilheiros é composta de camponeses pobres cuja miséria lhes levou às fileiras rebeldes. Lá aprenderam a ler e a lutar. Outros, com mais formação, vêm nas FARC a única chance de mudanças políticas no país. Estes preparam-se para os cargos de comando, estudando tanto a Política, como a Psicologia.

Uma nação no coração da América do Sul, com petróleo, cocaína e abundante floresta amazônica sempre estará nas agendas do Império. Lá, contudo, as negociações da ALCA passam por uma guerrilha que agora completa 40 anos, contando com 30 mil homens armados e em constante movimento – tática da guerrilha móvel – organizados em 7 blocos e 60 frentes, ocultos nas montanhas e mesmo nas cidades, e agindo em todo o território nacional.

FARC: Entrevista

As palavras do próprio Comandante do Secretariado Geral das FARC, Raúl Reyes, trazem informações valiosas que nos levam a refletir com mais elementos a respeito do pertinente assunto da subversão, que sempre estará em voga nos sistemáticos tempos de crise do capitalismo.



R. Reyes, comandante de Relações Internacionais

Yuri M. Fontes – Comandante, como estão as conversações de paz com o governo?

Com. Raúl Reyes – Estão, paradas, não há nesse momento diálogos formais, o presidente da república liquidou todas as garantias que havia para as negociações prosseguirem. Proibiram visitas de delegações de muitos países, como a do México, Itália, República Dominicana e Venezuela. Pedem ao presidente Chávez para que contribua nos diálogos, mas negam a possibilidade de grupos venezuelanos virem conversar conosco. As FARC não aceitam isso. Consideramos que todos aqueles que queiram nos conhecer, deveriam poder vir sem restrições. Igualmente, na

dos os setores que representam o estado colombiano. Recentemente, uma delas pedia ao governo, para que dissesse o que é que está disposto a negociar, em nome deles, para a constituição da paz. Até agora, o que conhecemos em qualquer mesa de reunião, foi que só nos dizem que tudo que propomos é negociável. Isto porque afeta a lei, a constituição (...) até que baixemos as armas. Isso não nós diz nada, porque as FARC são uma organização guerrilheira, política, e que se levantou em armas porque considera injusto o Estado colombiano, o regime governante. As FARC estão lutando por um sistema de governo distinto do que temos hoje (...). Por isso Marulanda [comandante máximo das FARC] lhes perguntou o que é que eles queriam negociar, se querem realmente a paz. Pois na Colômbia não haverá paz enquanto não resolvermos os problemas econômicos, estruturais, os problemas de comunicações, de eletrificação, de água potável, do sistema educativo, de higiene e de salubridade, enquanto não se faça a reforma agrária, enquanto não se acabe com os crimes do Estado em nome do paramilitarismo. Se o Estado está mesmo interessado em conseguir a paz precisa investir em todos estes campos, de maneira que a paz seja uma realidade. Sem isto a paz não será possível; vão continuar os confrontos, e as FARC seguem sendo um



Embora preferido, o futebol pode causar contusões sérias

queremos que o governo cumpra o compromisso de combater o paramilitarismo. As FARC precisam conhecer a política que vai empregar o governo nesta luta, quais os instrumentos que vão utilizar, tanto bélicos como políticos, como de procedimentos, porque se o paramilitarismo continuar assassinando o povo colombiano, todo aquele que eles consideram amigo da guerrilha, ou amigo da paz ou da justiça social nenhum diálogo vai ter futuro, como é responsabilidade do governo. O comandante Marulanda escreveu diversas propostas ao governo, através de cartas públicas dirigidas ao presidente, dirigidas ao alto comissariado para a paz, e a to-

protagonista muito importante na luta política colombiana, com uma grande projeção em nível nacional; são uma opção de poder, e seguem lutando por esse objetivo. Mas, se podemos avançar nesse mesmo objetivo, sem a necessidade de uso das armas, estamos dispostos a isso sempre e quando haja, por parte do Estado, vontade de fazer os investimentos de caráter econômico, político, social e cultural que requer o país.

YMF – Qual é, nesta conjuntura, a proposta política das FARC?

CRR – Nesta etapa, estamos agora buscando abrir espaços de democracia, de participação cidadã. Daí que nossa proposta é a de um novo governo pluralista, patriótico e democrático, que se comprometa a defender a soberania de nosso país. Não podemos mais ser pisoteados pelo imperialismo norte-americano, com sua ingerência em nossos assuntos internos. Quere-

mos restituir a liberdade para que os trabalhadores do campo, da cidade, os estudantes e professores possam protestar livremente sem serem reprimidos pelo Estado, assassinados ou exilados. Tudo que queremos nessa etapa é isso, abrir espaços de participação dos diferentes setores da sociedade que estão interessados nas mudanças que requer o país, rumo à paz com justiça social.

YMM – O programa agrário das FARC prevê que a grande propriedade privada, em alguns casos, não será desapropriada. Como é isso?

CRR – Nós temos que analisar muito bem o que é possível ser desapropriado hoje. Se um rico se compromete a gerar empregos, a não conspirar contra um novo governo, se paga seus impostos legalmente e dá bom trato aos seus trabalhadores, este vai poder seguir desfrutando de sua riqueza, sempre que retribua com impostos para o bem estar geral do povo. Há que se analisar muito bem as situações agrárias, de tal maneira que os que queiram participar, contribuir e investir, possam fazê-lo.

YMM – Como é o financiamento das FARC?

CRR – As FARC são um exército do povo que se nutre da economia do país. A economia do país é o petróleo, o café, as esmeraldas, o gado, o algodão, a coca e a papoula. Assim as FARC cobram um imposto àqueles capitalistas que tenham mais de um milhão de dólares, inde-

pendentemente da proveniência de seus capitais. Não perguntamos ao empresário das transportadoras se seus caminhões foram comprados com dinheiro do narcotráfico. As FARC não têm cultivos, não negociam com narcóticos, não vendem favores aos narcotraficantes. As FARC subsistem da economia do país, apesar da campanha encabeçada pelos EUA que tem por fim desacreditar-nos, mostrar-nos não como uma organização revolucionária, mas como narcotraficantes, agora narcoterroristas. Mas é normal que os EUA façam isso, pois são nossos inimigos e, portanto, fazem o que devem fazer.

O governo Lula e Nós

por Paulo Henrique Tavares

Em meados de 1984, vi minha vizinha, uma pessoa simples, soltar fogos pelo quintal, em comemoração ao resultado da eleição indireta, ocorrida no congresso nacional, que elegeu a chapa Tancredo/Sarney para governar o Brasil nos próximos 4 anos.

Porém, ainda que não se tivesse uma bola de cristal, era fácil prever que o suposto governo de Tancredo Neves seria igual ou pior ao de seu vice. Isto porque, um golpista no governo Jango, depois aceito harmoniosamente durante toda a ditadura, não iria ser um governo de grandes transformações sociais.

Existe entre nós um sentimento de esperança, e este sentimento independe de espectro ideológico, religião ou classe. Foi este sentimento que fez uma pessoa simples, que até então nunca dera muita atenção a este tipo de política, ter comemorado exaustivamente um episódio, que aos mais esclarecidos, não seria motivo de muita alegria, até porque aquela época, era o início de uma crise econômica que perdura até os dias de hoje.

Passados 18 anos deste episódio, novamente a esperança esteve de volta no coração de milhões de brasileiros, é obvio que com variáveis totalmente diferentes, não podemos comparar um governo eleito de maneira ilegítima, com um governo eleito por 53 milhões de almas.

O governo Lula tem se pautado pela máxima: "Crescimento Econômico", ou seja, para que tenhamos emprego, moradia, vaga na universidade pública, reforma agrária, entre outras, é necessário o tal crescimento econômico. Mas para que ocorra crescimento, é necessário um rompimento com a atual política econômica, como aumento dos impostos dos mais ricos e suspensão do pagamento da dívida interna e externa.

Bom, isto parece que o atual governo não está muito disposto. Agora uma pergunta deve se fazer: se fosse para manter tudo como antes, então por que a maioria absoluta da população elegeu Lula?

Este foi o recado que os eleitores deram: mudanças, mas mudanças de fato, para melhor. De maneira, que nosso papel hoje, é tensionar para que estas transformações sociais ocorram no período mais curto possível, porque nossas necessidades são exponencialmente mais prioritárias que os lucros dos banqueiros. Estas tensões estão nas ruas, só na semana passada, mais de 5 mil sem-teto, ocuparam a cidade de São Paulo por moradia, e diversas ocupações ocorreram no campo. Nosso papel é nos unir a estes movimentos, eles têm muita vida, têm muita solidariedade.

Hoje é um momento histórico para o movimento social no Brasil, desta maneira, cabe a todos nós lutadores, recorrer às nossas bases para construir e reconstruir nossos partidos, associações de bairro, sindicatos, centros culturais, etc, porque o que existe é um clima de rearticulação do movimento social nos quatro cantos deste país. É esta tarefa que nos cabe, queremos um país e um mundo solidário para nós e nossos filhos, e isto pessoal, não é difícil, basta participarmos e intervirmos, é um trabalho em busca de justiça diária, que a conclusão, no médio prazo, muito nos satisfará e a próxima geração terá muito orgulho de nós.

As conquistas históricas da classe trabalhadora no governo Lula, só serão alcançadas com mobilização de massas nas ruas de todo o país, o momento é propício, e estamos à disposição para começarmos um novo capítulo na história do Brasil.

(Paulo Henrique é coordenador da ACEPUSP e Mestre Geólogo pela Unicamp)

México: 20 anos Zapatistas

"Os índios têm o direito de serem índios"



Sub-comandante zapatista Marcos

Por trás de um capuz que oculta, mas não disfarça, foi em 1º de janeiro de 1994 que a voz dos esquecidos surgiu através do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) como um grito ao mundo que diz "já basta!", como um porta-voz de todos aqueles povos que por mais de cinco séculos foram excluídos e não participaram no desenvolvimento de uma nação que os põe à margem do esquecimento: um movimento que luta pelos direitos dos povos indígenas, pelas reivindicações sociais, por um mundo onde se reconheçam as diferenças entre os povos. "por um mundo onde caibam muitos mundos".

Foi em *Chiapas*, um dos estados mais pobres do México, o cenário que propiciou o surgimento do EZLN. Um estado onde o analfabetismo representa mais de 60% da população, a desnutrição abarca mais de 30%, e no qual 40% das pessoas ganham menos de um salário mínimo. Sob estas condições hostis, marginais e injustas nasceu o Movimento.

Durante estes dez anos de luta, o zapatismo transpassa suas fronteiras, como um espelho que se identifica internacionalmente, mostrando-se assim como uma referência para os movimentos globais, tal qual uma bandeira que reflete muitas das realidades dos rincões do mundo, cada uma representando suas próprias reivindicações, produtos deste sintoma chamado neoliberalismo.

O EZLN é um movimento que busca mudar a ordem deste modelo econômico, que sacrifica as culturas e faz da história uma amnésia forçada; claro exemplo de democracia são os trinta municípios autônomos e as cinco coordenadorias centrais, os "Caracoles", criados no fim 2003. Por sua parte, o governo mexicano apenas trata de restringir o movimento numa área limitada, intensificando suas bases

militares que hoje em dia chegam a ser um terço do exército nacional do país. Apesar disso, o EZLN se expande cada vez mais.

Os anos 90 marcaram uma época de crises, o modelo capitalista mostrou-se como o único eixo hegemônico que regulava as relações políticas do país. Carlos Salinas de Gortari, ex-presidente do México (1988-1994), tão somente acelerou o processo neoliberal, privatizando empresas públicas, dando abertura a importações, reduzindo o orçamento social, abrindo portas ao capital estrangeiro e transformando o artigo constitucional referente à Reforma Agrária. Estas mudanças facilitaram o panorama para o desenvolvimento do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (sigla em inglês, NAFTA). Com estas novas propostas se produziram consequências que vieram a acelerar o índice de desemprego e marginalização por toda a nação.

O NAFTA foi firmado no mesmo dia em que surgiu o EZLN, prometendo ao México sua inclusão no mundo desenvolvido. Contudo, só se viram beneficiadas com esse acordo aquelas empresas transnacionais (em particular, as estadunidenses), que deixando o México com uma economia liberada aos grandes credores capitalistas e cada dia mais ajustada às necessidades e aos interesses dos Estados Unidos da América. As sete décadas de governo do Partido Revolucionário Institucional (PRI) apenas serviram à transição para um novo partido de direita, o Partido da Ação Nacional (PAN), continuador das políticas neoliberais.

O movimento Zapatista representa uma luta contra esse modelo vigente, um sistema que exclui aos "menos", que são os "mais" do mundo. O EZLN clama, pois, pela criação de canais e redes de resistência, em que se reconheçam as diferenças e as semelhanças dos povos, neste mundo onde "os índios têm direitos de serem índios".

Waldo Lao Fuentes
(Antropólogo da Escola Nacional de Antropologia e História do México)
waldo_lao@yahoo.com

Fórum em Comemoração aos 20 anos dos Zapatistas e do Movimento dos Sem-Terra

Acontece na USP nos dias 29 e 30 de abril o Fórum "Duas expressões de Luta", uma homenagem às duas décadas dos dois movimentos populares latino-americanos de resistência e luta. As exposições fotográficas e projeções de filmes acontecem desde as 16 horas. Os debates terão

início às 19h30. Para fechar o encontro, espetáculos musicais com a presença, dentre outros, de Chico César e Cacuriá, a partir das 23 horas de quinta-feira. Estarão presentes representantes do MST, dos Zapatistas e professores da USP e PUC, bem como o Coordenador do evento, o antropólogo mexicano radicado no Brasil, Waldo Lao Fuentes.

USP proíbe projetos educacionais populares

Embora a Universidade de São Paulo esteja fechando as portas para cursos de Extensão Universitária que ela mesma deveria oferecer, os diversos cursinhos que ali funcionam continuam sua luta pela ocupação dos diversos espaços ociosos da universidade por projetos educacionais de cunho popular. O discurso dos magníficos alega que não se pode oferecer cursos pagos dentro do campus. Contudo, as taxas dos cursinhos estão por volta de R\$70,00, enquanto as Fundações - que a reitoria tenta tornar oficiais - cobram mensalidades de mais de R\$1000,00, sem contar o agravante que é o fato de usarem professores que deveriam se dedicar em período integral à docência e à pesquisa.

No último capítulo da novela, a reitoria se recusou a instituir as cotas para negros e propôs em troca abrir 5000 vagas pré-vestibulares na Zona Leste, o que até interessante, embora este número de vagas seja ínfimo para a instituição. Sem apoio institucional nenhum, poucos cursinhos da USP oferecem juntos mais vagas. Além do mais, estas novas vagas na Zona Leste não reporão as milhares de vagas fechadas na Zona Oeste pela reitoria nesta atitude autoritária.

Vagas no Cursinho Popular dos Estudantes da USP

O Cursinho Popular dos Estudantes da USP está com inscrições abertas para turmas no período da manhã, tarde, noite e aos sábados. Os professores são alunos e ex-alunos da própria USP, idealizadores e administradores do projeto e tem o intuito de atender especialmente a alunos de baixa renda, num esforço para colocar o aluno vindo da Escola Pública, na Universidade Pública. Os interessados em participar devem entrar em contato com 3091-2314 ou 3091-2307.

QUESTÃO AGRÁRIA E PERIFERIAS URBANAS

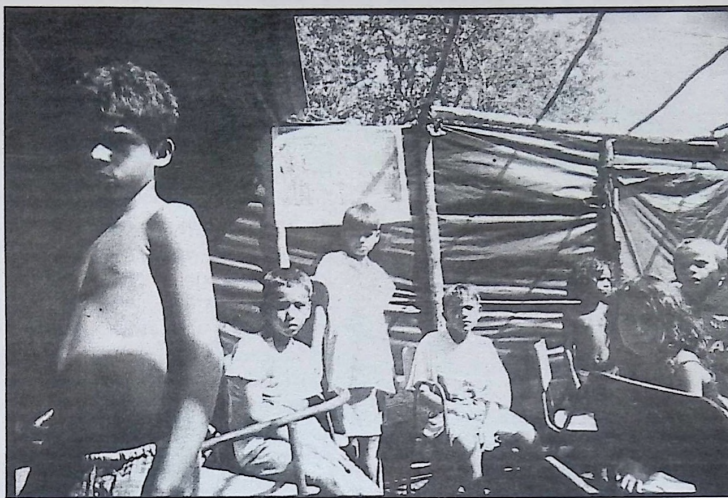
Texto de Allan Santos da Rosa

Fotos de Marcelo Min

Um mínimo de informação e reflexão faz perceber que a questão agrária é uma linha, num novelo que se desenrola até favelas e quebradas da cidade grande. O Brasil é o segundo país do mundo nos índices de concentração de terra - 0,015% da população detém papéis que garantem propriedade de 15,6% do território nacional. São 26.000 pessoas, num país de 170 milhões de habitantes cada vez mais entuchados nas metrópoles.

"Vorazes, selvagens, estúpidos, infernais": assim são retratados os sem-terra do interior do país e os jovens das periferias urbanas, na mídia graúda e nos anúncios de seus produtos, sempre estrelados por faces maquiadas que insistem em seguir padrões externos de beleza e civilidade. Aqui, as realidades são outras, omitidas ou manipuladas na vida espetacular dos programas de auditório e demais circuitos de controle remoto.

Falta de perspectiva e desespero nos sertões, ou do lado de fora das vastidões de verde cercadas de arame larpado, empurrando esfomeados pras capitais, onde se colhe a desilusão. E o desespero continua. Dos casebres rurais aos barracos nas vielas, ao chão das praças. Das mãos estendidas nas beiras de estrada aos bilhetes pedintes dentro dos ônibus que saltam nos buracos das congestionadas



Acampamento do MST às margens do São Francisco: já não há mais nem peixe neste trecho.

meses do ano em que se pode lavar, aqueles que lá ou cá erguem suas próprias moradias quando ocupam latifúndios, favelas ou sombras dos viadutos, alvos da ganância dos barões, dos grandes investidores do entretenimento pras massas que transformam exterminio em shows e

supercapital, que flutua como uma praga procurando o campo mais propício.

Nossa humildade não deve rimar com miséria e conformismo. Diante da eterna inércia e má vontade dos donos de quase tudo, é justo que se rompam cercas, que se ocupem terras largas e largadas. Mas sabemos que não basta apenas um lote de terra, uma enxada e um saco de sementes. São necessários pequenos núcleos urbanos que gerem mais renda e oportunidades educacionais, acompanhando a produção e diversificando possibilidades de trabalho das famílias camponesas. Uns com o arado, outros na agroindústria transformadora, outros no transporte, outros na escola, e por aí vai... mas pra iniciar, é preciso sobretudo alterar o norte do modelo de desenvolvimento nacional, abandonar diretrizes econômicas que vêm dos gabinetes do dólar de Nova York ou das gordas poupanças refrigeradas da Avenida Paulista.

É antes ainda, quebrarmos com criações e atitudes organizadas e pontiagudas, noções de nós mesmos que nos forçam pela goela há cinco séculos, contrariando a normalidade e o comportamento "pacífico" (leia-se passivo) de quem espera o Messias com ecos na barriga oca, de quem se aceita como é retratado de cima pra baixo: feio, sujo, estúpido.

Pedaços de papel, muitos já amarelecidos, garantem a propriedade de rios, florestas, horizontes. Desde 1850, quando uma lei de terras do império garantiu a poucos magnatas enormes pedaços do mapa do Brasil, novas sesmarias de então. E nunca se fomentou a aquisição de terras para a maioria, nunca se planejou e efetivou um mercado interno pertinente ao potencial agrícola brasileiro. E nos

últimos 150 anos, metrópoles incharam, transbordaram e apodreceram. Nelas algumas ilhas brilhosas, casulos entre a extrema carência. E uma classe média (que nos últimos anos empobrece velozmente) tentando se empinar e sonhar de óculos escuros ou com vendas nos olhos, ouvindo e gaguejando programas em inglês. Mas é impossível ocultar a fome (e com ela os espasmos de violência, que revidam outra violência muito bem planejada e consentida juridicamente).

Grupos se organizam nas periferias das cidades, muitas vezes produzindo apenas cócegas na grande conjuntura, nos patrões gigantes, mas fazendo alarde despertam novas maneiras de ver e considerar, experimentam propostas cooperativas que, plenamente autônomas ou emparceiradas, conseguem amenizar desgraças, possibilitando a alguns que ainda vislumbrem uma réstia de esperança no futuro.

Porém predomina cada vez mais a geladeira vazia, o olhar hipnotizado pela tela azul que fertiliza desejos impossíveis, o estômago enganado pelas oito horas de exploração diária, mais outras tantas no ônibus apinhado, nem sempre registrada em cartão. Nas capitais, sotaques diversos soltam xingos ou frases de amor: são procedentes do campo, onde pequenas produções de subsistência ou para parco comércio de vinténs foram devoradas por um sistema que engorda as milionárias S.A., que soltam suas propagandas sorridentes entre as notícias que pregam que o "terror" está ao lado, babando e planejando estupros e massacres, invasões rancorosas e ressentidas (palavras prediletas dos editoriais do jornal Estadão), as fotografias legendadas apontam que no campo os bárbaros usam foices, facões e chapéu de palha; na cidade vêm de touca, boné e são pretos e /ou nordestinos. Não é tão difícil conceber um espelho que reflete à imagem de imperialistas do FMI, banqueiros dos EUA e Europa uma outra imagem: a dos que formam impérios internos, amparados por ataques feitos por parentes nas graúdas redações e por capangas, fardados ou não, que pilotam o alazão ou a caminhonete, apertando gatilhos garantidos pela impunidade dos tribunais para mandantes que controlam a morte de milhares, de milhões. Morte cotidiana e histórica, que se arrasta desde o início do genocídio indígena e da agonia nas senzalas.

(Allan Santos da Rosa é da FFLCH-USP e do Posse Sindicato Urbano de Atitude/ Marcelo Min é fotógrafo)



Mães em acampamento do MST: desemprego na cidade e falta de terra no campo.

vias da cidade. E do outro lado do ringue, pesando toneladas, a ideologia do consumismo desvaído, do pânico, da difusão de imagens que só apresenta as periferias sob chuvas de tiros ou como cativo de seqüestrados, o turbilhão de áudio e vídeo com seus preços, biquínis e motores que atacam a baixa estima de quem não pode se inserir, desvalorizam quaisquer conhecimentos e artes desenvolvidos no meio rural.

Os que têm nas cidades apenas os botecos como opção, os que no campo racham a pele sob o Sol nos seis

anúncios, dos super empresários das etiquetas, das multinacionais de comida que chegam pra nós em migalhas. Da burguesia nacional burra, incompetente e covarde que no inverno ou no dia das crianças lacrimeja campanhas de caridade que duram o tempo da contagem das moedas. Dos magnatas estrangeiros que enxergam nos lugares apenas pontos pra investimento e busca obrigatória de super lucros, cegos e surdos às cabeças e estômagos eu gritam e sussurram suas vidas no chão em que pisam, sem a mesma liberdade de movimento garantida ao

Edward Said: morre o homem, fica a luta

Por Yuri Martins Fontes

"O medo induzido pelas imagens desproporcionais do terrorismo e do fundamentalismo faz com que se acelere a subordinação do indivíduo às normas dominantes no momento" (Edward Said)

Enquanto se acirra cada vez mais o conflito entre árabes e judeus, os palestinos perdem Edward Said, um de seus maiores pensadores da atualidade. Falecido ao final do ano de 2003, Said nasceu na Palestina, viveu no Egito e depois nos Estados Unidos, onde foi professor universitário até o fim da vida. Não obstante sua residência tenha sido por muitos anos no Império, ele foi um grande crítico do sistema político daquele país.

Said se colocou no centro do debate político e da luta palestina, com a publicação de seu livro *"Orientalismo"*. Sua defesa intelectual pelo povo palestino jamais teve cunho nacionalista, sendo sempre pautada por argumentos sociais e políticos. Said se alçou ao topo do pensamento humano pela sua capacidade de entender o outro, desligando-se de suas identidades étnicas em favor de uma identidade humana. Concebia a cultura e a política como instâncias inseparáveis. Foi um incansável crítico da causa imperialista de espoliação econômica e cultural dos povos em inferioridade de forças. Sua obra dirigiu-se com afiço contra as investidas em prol da monocultura e da homogeneização do pensamento.

A cultura, segundo o autor afirma no livro *"Cultura e Imperialismo"*, tem enorme importância na formação de atitudes e nas referências de um povo. É um método de afirmação de identidade, ou conforme afirma o próprio autor: "é o reservatório do melhor de cada sociedade, no saber e no pensamento". As pessoas sentem

a necessidade de ver bem representadas suas tradições. Muitas vezes, estas representações são infectadas pela vaidade humana que tende a crer que o seu pensamento é a verdade absoluta, e sua cultura, é a mais bela. Assim, desta maneira xenófoba de mal pensar, se constróem muros e divisas, gerando ignorância massificada e desmedida. Exemplos disto são os fundamentalismos, dentre os quais, o mais poderoso e agressivo à espécie, tem sido o fascismo moderno, dito *neoliberalismo*.

Esta incapacidade de enxergar as culturas como híbridas, interligadas e heterogêneas é visível até mesmo entre muitos intelectuais, que não percebem ser este o motivo de tantos horrores. A forma encontrada para justificar a escalada imperialista, tanto econômica quanto cultural, é justamente a propaganda que busca nos fazer acreditar na superioridade da sociedade de consumo, classificando todo aquele que foge do esquema, como bárbaro. Deste modo, a ideologia ocidental preunçosa se enaltece aos olhos dos simplórios, e divulga a imagem de qualquer outra cultura, como atrasada.

Edward Said, recentemente, fez duras críticas à cobertura dada pela grande imprensa à guerra do Golfo Pérsico, que tratou Saddam Hussein como um novo Hitler, um louco assassino que devia ser urgentemente deposto. Nada se falou, todavia, dos interesses dos EUA no comércio de petróleo. Para evitar críticas aos assassinatos de civis inocentes, a mídia criou a lenda da "arma de precisão cirúrgica". Esta mentira foi desmentida pelos números, que apontaram cerca de 150 mil inocentes mortos. Embora se aparentasse mostrar tudo sobre o Oriente, o que se fez de fato foi passar uma imagem homogênea, superficial e preconceituosa do árabe. Mostrou-se um povo bruto, fanático, violento e até cruel.

Entretanto, cabe lembrar, que no cerne desta sociedade dominada por uma cultura de massas e uma economia incorporadora, sistematicamente ocorrem crises, revoltas e revoluções. E é a partir deste equilíbrio instável que nasce a justificativa militar do imperialismo para suas inúmeras ocupações e guerras, sempre com o apoio da grande mídia suja. Há algumas décadas, numa época de inconformismo generalizado, ma-

nifestações pela paz e liberdade ocorriam em ricas metrópoles ocidentais. Hoje, as revoltas têm se dado em países e povos marginais. Como bem discursou o professor brasileiro Jacob Gorender, à data da morte do colega palestino: "não se pode condenar a luta armada, quando não há outra saída".

Segundo disse Said, a tarefa agora é adequar a interdependência humana às configurações sócio-econômicas e políticas de nosso tempo. É necessária uma consciência crítica, e para isso é preciso mudar a forma de educar. Ter uma viva identidade de sua própria cultura é o princípio, porém há que se situar essa cultura em meio às outras que a permeiam. E sempre tendo cuidado com o purismo dos "especialistas".

Enfim, cabe deixar grafado que Edward Said foi um homem de luta, um intelectual militante e socialista, espécime honesto e raro nestes nossos pobres tempos. Morre o homem, ficam as idéias. E fica a cultura humana mais plena, embelezada pela sua luta.

[Yuri Martins Fontes é Engenheiro e Filósofo pela Universidade de São Paulo]

Condomínio Rocinha

VIVEN FELICES, RODEADOS DEL ENTORNO AFECTIVO QUE LES BRINDA
ESTA GRAN COMUNIDAD QUE, ENTRE TODOS, ESTAMOS AYUDANDO A CONSTRUIR.

